

UMA QUESTÃO DE VALOR ARTÍSTICO

Coloca-se aqui a questão acerca do caráter artístico que poderia ser atribuído à Gráfica Urbana.

Abre-se a indagação a respeito dos valores ou qualidades artísticas que esta gráfica apresenta, valores estes muitas vezes reivindicados por seus produtores.

Para tanto, fez-se necessário experimentar uma aproximação entre as características desta gráfica, incluindo a do seu modo de produção, com critérios extraídos de uma definição do que se poderia entender por qualidade artística, de modo a se verificar a contribuição de valor artístico deste universo.

Em um recente trabalho, elaborado pelo arquiteto Júlio Katinsky, com vistas ao estabelecimento de critérios para o inventário de tombamento de bens arquitetônicos, foi proposta uma formulação para tal conceito e dela extraída uma definição acerca daquilo que possa conter valor artístico, por nos parecer de acordo com a orientação que vimos dando a este trabalho.

Neste sentido, aquele estudo afirma que “poderíamos então, numa formulação sintética, afirmar que no termo ‘valor artístico’ comparece em cada instante o trabalho humano como totalidade (‘hábito’ e ‘criatividade’)”⁽¹¹⁾

Uma das propriedades, portanto, de que deve ser dotado um dado objeto para que contenha “valor artístico” é, segundo esta definição, o de exigir habilidade técnica para a sua produção, entendido que “... a ‘habilidade é adquirida através de um hábito penoso, através de uma rigorosa disciplina (e ritmo de trabalho) geralmente auto-imposto”⁽¹²⁾

Esta “habilidade técnica” quer seja do ponto de vista estritamente gestual — de procedimentos e processos na confecção de um painel ou placa de anúncio — e até mesmo do ponto de vista do seu instrumental de produção, é a mesma empregada em certas modalidades das artes plásticas, assim como em algumas formas de pintura, que por vezes até tomam de empréstimo da Gráfica Urbana algumas de suas formas de produção. Assim como as artes plásticas e as mais variadas formas de manifestação das artes visuais, hoje a Gráfica Urbana se utiliza do arsenal técnico disponível nos variados setores de produção existentes na cidade.

Outra propriedade a ser considerada, segundo esta definição, é a do objeto em estudo conter uma dada inovação, contrapondo-se aos padrões do hábito do exercício técnico. Tal inovação entendida como “cristalização, em cada instante, identificável, ... , da consciência da necessidade de ampliar ou ‘quebrar’ os hábitos assentes”⁽¹³⁾

Sob esse aspecto, parece haver de imediato resposta negativa à questão inicial, uma vez que, considerado no seu conjunto, o universo gráfico urbano apresenta uma homogeneidade de soluções onde parece prevalecer apenas e tão somente a repetição — o resultado da sujeição estrita ao hábito que caracteriza o puro exercício técnico, com variações estritamente formais em torno dos mesmos e constantes modos de produzi-la.

No entanto, como já foi notado, ao longo do tempo esta gráfica manifesta os claros sinais da sua transformação. É evidente que estes sinais ocorrem, ainda que sutilmente, em qualquer situação ou instante que se queira isolar, uma vez que estes se encontram dispersos em meio ao vasto universo gráfico urbano.

A dificuldade em identificá-los está no fato de que estas tendências novas, que com o passar do tempo serão efetivamente incorporadas ao universo, pois introduzem novas concepções na maneira de resolver as diferentes exigências que são formuladas, com seus diferentes materiais e soluções de composição visual, aparecem misturadas, dispersas entre tantas outras modificações que são meras invenções ditadas por fatores como a moda, padrões de gosto, etc., que rapidamente se desgastam e são abandonadas sem que acrescentem algo de efetivamente novo ao já conhecido. Esta confusão é que faz com que pareça existir um paradoxo, já antes evidenciado, entre o fato desta gráfica conter uma aparente diversidade e ao mesmo tempo dela não se destacarem elementos surpreendentes.

(11) KATINSKY, Júlio Roberto. *Considerações sobre o conceito de valor artístico*. In: _____. Critério para inventário do tombamento de bens arquitetônicos do Estado de São Paulo. São Paulo, CONDEPHAAT, 1981. p. 22.

(12) *Id.*, *ibid.*

(13) *Id.*, *ibid.* p. 21.